

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ:

Estética, educação e interculturalidade: perspectivas decoloniais em debate

Organizadoras:

Luciana Leite da Silva (INHCS/Universidade Federal de Catalão)
luciana_leite@ufcat.edu.br

Patrícia Emanuelle Nascimento (INHIS/Universidade Federal de Uberlândia)
patricia.nascimento@ufu.br

O Dossiê: *Estética, educação e interculturalidade: perspectivas decoloniais em debate* reúne trabalhos que lidam com a temática da decolonialidade e da interculturalidade crítica a partir de debates sobre as pedagogias decoloniais, estudos sobre linguagens artísticas em tradução intercultural e investigações que situam em suas concepções teórico metodológicas o pensamento e o agir decolonial.

Esses estudos focalizam por meio da decolonialidade – elemento que compõe a tríade, modernidade/colonialidade/decolonialidade – as formas de pensar o outro a partir de suas próprias experiências e visões de mundo, considerando os posicionamentos que foram subalternizados ao longo do tempo e, por conseguinte, invisibilizados por formas e processos de dominação colonial. Nesse sentido, trata-se de pesquisas que contribuem com as críticas propostas por pensadores do grupo modernidade/ colonialidade/ decolonialidade, a exemplo de movimentos indígenas e afrodescendentes, os quais estão continuamente a identificar e reivindicar novas formas de interpretação de documentos, eventos históricos, concepções estéticas e práticas pedagógicas que considerem a interculturalidade, em sua forma crítica, e se desdobrem em bases epistemológicas evidenciando matrizes curriculares interculturais e interepistêmicas.

A partir dessas perspectivas, é possível apresentar as várias maneiras de ver e ler o mundo, pensar e estruturar saberes e práticas de produção de conhecimento que apresentem contrapontos e/ou relações de complementaridade ao conhecimento ocidental, bem como salientar as relações que se interpõem em processos conflituosos e complexos de apropriações e de interações interculturais.

Este Dossiê está organizado em três blocos. O primeiro bloco aborda formas de resistência e protagonismos indígenas nas lutas pelos direitos territoriais, as práticas

reivindicatórias de autodeterminação e os enfrentamentos em relação às violências do Projeto Colonial. São apresentados os trabalhos: *Conflitos e lutas Auwê: a demarcação da terra indígena São Marcos*, de Sílvia Clímaco Mattos; *“Isolamento voluntário” e protagonismo do povo Javaé, da Ilha do Bananal, atual Estado do Tocantins-Brasil (1896-1923)*, de Ordália Cristina Gonçalves Araújo e Elias Nazareno; e *Uma utopia intercultural: os povoados de Santa Fé de México e Michoacán*, de Geraldo Witeze Jr.

O artigo de Sílvia Clímaco apresenta as lutas pela demarcação da Terra Indígena São Marcos, Mato Grosso, a partir da perspectiva de narradores xavante. A autora realizou entrevistas com os indígenas entre os anos de 2016 e 2018 e analisou uma extensa documentação no Núcleo de Documentação da Diretoria de Proteção Territorial da Funai. Em seu texto, Sílvia Clímaco procura demonstrar as estratégias que os Xavante lançaram mão a fim de conseguirem a demarcação de suas terras, em especial, da Terra Indígena São Marcos. Sílvia Clímaco contrapõe suas pesquisas aos processos de apagamento que, por longo tempo, atingiu a historiografia. Desse modo, a autora destaca as lutas dos povos Xavante e suas conquistas territoriais durante a década de 1970.

Em *“Isolamento voluntário” e protagonismo do povo Javaé, da Ilha do Bananal, atual Estado do Tocantins-Brasil (1896-1923)*, Ordália Araújo e Elias Nazareno analisam o protagonismo Javaé em duas perspectivas: a primeira diz respeito ao chamado “Isolamento voluntário”, estratégia utilizada pelos Javaé no intuito de manter os invasores longe de suas aldeias. A segunda reporta ao protagonismo Javaé na atualidade, em que, por meio de práticas reivindicatórias, os Javaé demandam o reconhecimento da autodeterminação não derivada. Isso significa a ênfase Javaé em desconstruir a narrativa de que eles seriam um subgrupo Karajá.

O trabalho de Geraldo Witeze Jr., *Uma utopia intercultural: os povoados de Santa Fé de México e Michoacán*, apresenta os povoados utópicos de Santa Fé de México e de Michoacán. Esses povoados foram fundados no século XVI por Vasco de Quiroga e tinham o objetivo de abrigar os indígenas no enfrentamento às violências e violações impostos pelos colonos espanhóis.

O segundo bloco deste Dossiê dedica-se ao tema do viés decolonial na Educação, visando o Ensino de História, a descolonização dos currículos escolares, a educação antirracista.

Helena Maria Marques Araújo e José Baptista, em *Sobre colonialidades, pensamento tradicional e currículos escolares*, partem de uma pesquisa de mestrado profissional realizada na área de formação de professores de História no PROFHISTÓRIA. Neste trabalho, a análise é centrada nos currículos escolares, discutindo como matriz curricular e epistemológica eurocentrada produz ausências de memórias e das histórias de grupos subalternizados. Traz uma discussão necessária sobre saberes diaspóricos e epistemologias das culturas tradicionais tão relevantes para construção dos currículos escolares numa perspectiva decolonial.

Elison Antonio Paim e Janaina Amorim da Silva nos trazem o texto intitulado *Coletivo Ação Zumbi - uma História de (re)existência e inspiração para uma educação antirracista e decolonial*. O propósito é refletir sobre a importância histórica e política do Coletivo Ação Zumbi, um grupo que realiza performances artísticas multidimensionais em espaços formais e não-formais, principalmente nas cidades São José e Florianópolis. Suas ações revelam performances memórias contra-hegemônicas de origem afro-brasileira a partir da perspectiva de um povo que existe, (re)existe e resiste, ancorado num ideário de maior justiça epistemológica. A atuação do Coletivo evidencia um alinhamento ao pressuposto da decolonialidade do saber e da educação para as relações étnico-raciais. Nesse sentido, traz uma proposta pedagógica antirracista pautada na troca de saberes e na conexão entre a educação formal das escolas e a educação não formal dos movimentos negros. A pesquisa é construída em diálogo com os integrantes a partir de *lives* e redes sociais do Coletivo disponibilizados ao público em geral. O diálogo teórico se dá, especialmente, com autoras negras decoloniais e antirracistas.

O artigo *Tessituras que produzem conhecimentos para área de ensino de História: memórias, sensibilidades e decolonialidade*, de João Batista Gonçalves Bueno, integra as reflexões relativas às pesquisas sobre ensino de História. O estudo aborda temas relacionados à positivação das experiências históricas, das sensibilidades e das tradições dos diversos grupos sociais de várias cidades do interior do estado da Paraíba. Dentre os grupos sociais analisados destacam-se: a comunidade de negros quilombolas de Gurinhém; os povos originários brasileiros de Baía da Traição; as mulheres sindicalistas e os trabalhadores rurais de Alagoa Grande e Cubati e a comunidade do Movimentos dos Sem-terra (MST), do assentamento Zumbi dos Palmares de Mari. Por meio de referenciais como Walter Benjamin, E. T Thompson, A. Quijano e E. Dussel, o artigo estabelece um diálogo entre saberes histórico-

educacionais e conceitos como de memória, de patrimônio histórico, descolonização do saber, do poder e do ser.

O terceiro e último bloco nos traz possibilidades de estudos que interseccionam temáticas relativas à estética, especialmente cinema e artes plásticas, com questões interculturais. Paulo Roberto Monteiro de Araujo, em *Dois diretores decoloniais: Glauber Rocha e Kleber Mendonça*, tem como intuito abordar o processo de descolonização nesses dois diretores cinematográficos brasileiros. A análise perpassa as formas com que Glauber Rocha e Kleber Mendonça elaboram suas linguagens cinematográficas em relação às problemáticas da história sociopolítica do Brasil.

O texto *Agenciamento estético em diálogo intercultural: Modesto Brocos (1852-1936) e o impressionismo à brasileira*, de Heloísa Selma Fernandes Capel, expõe o diálogo intercultural ocorrido na relação entre as correntes artísticas europeias e o contexto brasileiro. Por meio da obra pictórica e literária de Modesto Brocos, avalia seu posicionamento artístico e profissional no início do século XX, sua relação com a cultura pictórica europeia e as tensões, em seu pensamento, entre a ortodoxia e a experimentação. Examina alguns preceitos presentes no pensamento do artista e que se encontram na gênese da vanguarda, como o respeito à singularidade e temperamento do artista, a defesa da liberdade e subjetividade, bem como traços formais que envolvem pinceladas mais soltas, cenários mais sugeridos e disformes. Como um artista imigrante que se agencia em um espaço intervalar, a atuação de Brocos se expressa a partir de negociações culturais, contribuindo, por meio de sua obra, para a criação de um impressionismo à brasileira: movimento que se aproxima das vanguardas, mas que guarda características próprias e contraditórias.

A equipe editorial agradece imensamente a contribuição de todas as autoras e todos os autores que contribuíram com suas pesquisas e teceram essa troca de olhares e perspectivas. Esperamos que as leitoras e os leitores encontrem aqui subsídios para projetos educacionais, abordagens teóricas e reflexões estéticas e culturais fundamentadas na interculturalidade e nas ações que desafiam as estruturas de poder herdadas pela experiência colonial.